

primavera 2017 | Nº 90

textos # 88

**D'Abalada**

de Jorge Palinhos

---

**erre  
gue  
té**

revista galega de teatro



---

**erre  
gueté**  
revista galega de teatro

---

**textos**  
**88**

**Fotografías** Armando Neves

# Figuras e símbolos da emigração: a peça *D'Abalada*

Jorge Louraço

Esta peça em dez quadros, numerados de 0 a 9, mostra um português, emigrante clandestino, na sua trajectória de Portugal para França, nos anos sessenta, indo «a salto», como se dizia então. A peça remete para a experiência de muitos outros compatriotas que emigraram em condições semelhantes para destinos idênticos. Essa enumeração, problema do autor, é passada para a boca da personagem-narrador:

## VIAJANTE

Este homem pede emprestado para partir.  
Outro homem trabalhou um ano para pagar a passagem.  
Outro homem não quer ir para a guerra. (...)

A ambição é dar conta de todos os que viveram situações similares, não só nessa época, mas também desde então, e até muito recentemente. No quadro 9, o último, o tal VIAJANTE já se multiplicou na figura de um JOVEM VIAJANTE:

*O Jovem Viajante fecha a carta, pega num casaco desportivo, numas sapatilhas e numa mochila, onde guarda o farnel do anterior Viajante e o telemóvel, e prepara-se para partir. Fica escuro. Ouve-se a voz do Secretário da Juventude:*

## SECRETÁRIO

Se estamos no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras.

Esta fala é a citação de uma frase que foi dita por um membro do governo português eleito em 2011, que recebeu a Troika de braços abertos e empurrou muitos cidadãos para a emigração. Aparece aqui como um recorte de jornal que mostra as semelhanças entre este tempo e o anterior. No quadro 4, SALAZAR tinha dito:

«Se queres sair de Portugal Continental, vai para Portugal Ultramarino. Se queres conhecer novas

terras, vai para África. Se queres construir, cultivar, vencer na vida, vai para África».

O destino dos portugueses não está nas mãos deles, mas nas mãos de uns poucos, que dizem para onde eles hão-de ir. Essa submissão tem paralelo nas poucas palavras dos emigrados. O autor tenta mostrar que esta história, comum a tantos, é uma questão de todos, que tem de ser trazida a lume. Em resposta à pergunta recorrente de uma VOZ JOVEM, que em cada quadro insiste em saber como foi, a VOZ DE IDOSO começa por dizer, no quadro 0, que:

– Não há nada para contar.

E nos outros quadros evita contar, quando diz que:

- Foi igual ao dos outros.
- Foi escuro.
- Foi duro.
- Foi como havia de ser.
- Já não me lembro.

Com excepção de Paris, ou melhor, o *bidonville*, no quadro 8, que:

– Foi um deslumbramento.

Até que no fim da peça –depois da história ter sido mostrada pelo VIAJANTE– tem de conceder que:

– Foi assim...

Como se agora fosse contar a história. É claro que o VIAJANTE e a VOZ DE IDOSO são a mesma coisa, ou quase, tal como os vários emigrantes se assemelham entre si, e se parecem com, finalmente, o JOVEM VIAJANTE. Nisto há uma subtil unidade. A peça lança-se como um ritual de reconhecimento da identidade dos emigrantes portugueses. Que identi-

dade é essa? Que história há para contar? O VIAJANTE não tem a certeza. Quando escreve para casa, pode ser tudo, como qualquer escritor é, quando escreve:

(...) Já cá estou, em África, não, no Brasil, não, na França... Estou num casebre, não, estou numa barraca, não... estou abrigado e com gente nossa. Vivo num telheiro, não... num colchão, não... Estou à espera para viver numa casa muito bonita, com muito espaço e um quintal muito bonito, cheio de laranjas e castanheiros. Trabalho todas as horas, não... trabalho sem parar, não... trabalho a escavar a terra, não... trabalho a abrir estradas, não... trabalho a erguer casas, não... trabalho... de sol a sol, como estamos habituados.

O VIAJANTE inventa uma narrativa para a sua vida, embora hesite nos caracteres dela. Esta hesitação acaba por incluir na experiência desta personagem de ficção as experiências de inúmeras pessoas. Além disso, põe em cena o VIAJANTE como um contador de histórias, a um passo do dramaturgo. Esta peça é também sobre a (metafórica) emigração de escritores para países distantes.

\*A fala inicial (– Este homem pede emprestado para partir) é dita depois de o VIAJANTE ter ficado com a metade rasgada de uma foto:

(...) Aproxima-se do estendal e puxa meia fotografia rasgada. Pega nela, olha-a. Olha em redor.

Mais à frente, no quadro 3, repete-se o símbolo, mostrando o que ele condensa de promessa:

(...) Começa a coreografia dos abraços, abraçando a família, a casa, o chão, os objectos, o ar e por fim a si próprio, antes de pegar numa fotografia sua, rasgá-la em dois, deixando uma metade no chão de casa e outra levando-a consigo, enquanto caminha com o seu sobretudo, os sapatos e a mala de cartão, dizendo «adeus» infinitamente.

No quadro 6:

(...) Revistam-lhe a mala, mas pouco mais encontram do que uma fotografia rasgada e roupa.

No quadro 8:

(...) Depois, levanta-se, envia as cartas pelo fio da roupa, vê-se que do outro lado da carta, estão metades de fotografias que voltam para Portugal.

E, por fim, no quadro 9, em que se revela que o símbolo materializa a impossibilidade de cumprir a promessa do regresso:

(...) Numa caixa de cartão, guarda o bilhete do comboio, os sapatos gastos, e a fotografia rasgada, mas, por mais que tente, não consegue voltar a colar as duas metades.

A foto rasgada, que depois devia ser enviada pelo correio, era usada como prova de chegada do viajante, são e salvo, ao seu destino. Os passadores podiam sempre retirar a metade da foto, abandonar o emigrante à sua sorte, e enviar a prova à família, para receberem o resto do pagamento. Este objecto partido ao meio tem um antepassado ilustre nos «sinais dos expostos», objectos que acompanhavam as crianças deixadas ao cuidado da Igreja e que serviriam de identificação em caso de regresso dos pais. Alguns desses objectos –cartas de jogar, cauteladas da lotaria, bilhetes de teatro– eram cortados em dois para que mais tarde pudessem voltar a ser um. Nisto há clara separação. A verdadeira utilidade dos sinais, como das fotos, não era garantir nada, mas fixar o desejo do reencontro e revelar a dor da separação. Esta peça, o ato de contar, a foto rasgada ao meio, são a demonstração desse fosso eterno entre os que ficam e os que vão d'abalada. As duas metades da foto nunca mais encaixarem, as hesitações na correspondência, a relutância em contar, dão a entender que o fosso é interior. Que a peça seja publicada na Galiza –país metade da foto de Portugal– só pode ser bom sinal. ~

# **D'Abalada**

Jorge Palinhos

*D'Abalada*, escrito por Jorge Palinhos, foi estreado a 30 de novembro de 2011 no Pequeno Auditório do Teatro Municipal da Guarda, com encenação e interpretação de Luciano Amarelo, desenho de luz de José Nuno Lima, música de Kubik e figurinos de Pedro Estevam.

Na peça, particularmente inspirada pela emigração «a salto», para França, dos anos 60, foram usadas as fotografias que Gérald de Bloncourt tirou junto das comunidades portuguesas emigrantes em França.

A produção foi da Projéc~ com a Associação Terra na Boca.

É uma peça sensorial e lúdica construída sobre memórias colhidas de um tempo em que se emigrava sem Skype ou GPS, e em que por isso os emigrantes, em vez de fantasmas digitais, eram apenas mortos sem sepultura.

Jorge Palinhos tem escrito e trabalhado em teatro desde 2003, e várias das suas peças foram apresentadas em Portugal, Espanha, Brasil, França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos, Sérvia e Suíça. Recebeu os prémios Miguel Rovisco, Manuel Deniz-Jacinto e foi nomeado para o prémio António José da Silva.

Foi co-fundador da companhia Terra na Boca, onde coordenou os projectos *Ar das Palavras* e *Teatro Imediato*. É editor da revista *Drama* e da revista *Bang*. Tem também colaborado com as publicações *Sinais de Cena*, *P3*, *Grande Porto* e *Porto24*, além de coletâneas de ficção curta.

**Quadro 0 – Contar**

*O palco está escuro. Vão-se ouvindo vozes em crescendo:*

Voz 1 – Conta lá!  
 Voz 2 – Conta.  
 Voz 3 – Fala-nos lá daquilo.  
 Voz 4 – Então? Desembucha!  
 Voz 5 – Ói, o gato comeu-te a língua?  
 Voz 6 – Bota faladura, rapaz!  
 Voz 7 – Conta lá como é que foi.  
 Voz 8 – Mas porque é que não contas?  
 Voz 9 – Fala lá à gente.  
 Voz 10 – É preciso tirar-te a rolha, é?  
 Voz 11 – Que 'bicho' te mordeu?  
 Voz 12 – Narra cá para a gente.  
 Voz 13 – Conta-nos lá a história.  
 Voz 14 – É preciso puxar-te pela língua, é?  
 Voz 15 – A gente gostava de saber.  
 Voz 16 – Diz lá!  
 Voz 17 – Conta.  
 Voz 18 – Conta!  
 Voz 19 – Conta!!!  
 VOZ JOVEM – Conta como foi.  
 VOZ DE IDOSO – Não há nada para contar.

**Quadro 1 – A vida que se vivia**

*Se possível, a sala está cheia de odores: a fumo, a fogo, a carvão, lama ou feno.*

*Balbúrdia de sons do mercado no meio da escuridão. Começa a ver-se o Viajante a acordar. Em fundo, ouvem-se os ruídos do mercado e da vila, que vão progressivamente diminuindo ao longo de toda a cena, até ao silêncio: martelos, facas, grão a jorrar, rolhas a saltar, pregões, ruídos de animais.*

*O Viajante levanta-se, acende a candeia, lava o rosto e os sovacos numa bacia. Vai ordenhar a vaca. Depois bebe leite e come pão escuro. Pega na enxada e vai para a terra trabalhar. Depois repete-se, embora o Viajante seja diferente: levanta-se, acende a candeia, lava o rosto, bebe aguardente e come nozes. Pega no machado e sai para ir trabalhar. De novo, mas agora o Viajante é mulher. Levanta-se, acende a candeia, lava o rosto e o pescoço, aquece o leite para a família, pega na ferramenta de bater o centeio. De novo, o Viajante homem levanta-se, acende a candeia, mas, em vez de se lavar, escuta os sons de fundo que são quase imperceptíveis. Aproxima-se do estendal e puxa meia fotografia rasgada. Pega nela, olha-a. Olha em redor.*

VIAJANTE

Este homem pede emprestado para partir.  
 Outro homem trabalhou um ano para pagar a passagem.  
 Outro homem não quer ir para a guerra.  
 Outro homem quer alimentar os filhos.  
 Outro homem diz o que não se pode.  
 Outro homem esqueceu-se de respeitar o prior.  
 Outro homem resolveu votar em Salazar com os pés.

**Quadro 2 – A terra que se esvazia**

*O Viajante pega nos figurinos e começa a colocá-los no estendal.*

VIAJANTE

Este homem foi preso quando tentava passar a fronteira. *(mete um alimento no saco)*  
 Este homem foi apanhado porque não conseguiu calar a tosse. *(gesto do pão a tossir)*  
 Este homem foi enganado pelo passador e não volta mais. *(o queijo desaparece no saco)*  
 Este homem não aguentou a fome e o frio. *(amarfanha o pão)*  
 Este homem tem saudades de casa. *(deixa o presunto dobrar para um lado)*  
 Este homem tem saudades de casa e ainda não partiu.

*O Viajante corre em volta dos figurinos, como se não soubesse o que fazer. Está dividido entre a terra e aqueles que partem.*

VIAJANTE

Ti Manel!  
 Ti Joaquim!  
 Ti Florêncio!  
 Ti Emídio!  
 Tia Conceição!

**Quadro 3 – A passagem**

Vozes:

VOZ JOVEM – Conta como foi?  
 VOZ DE IDOSO – Foi igual ao dos outros.

*O Viajante tira a carteira do bolso. Vasculha por moedas, que são escassas. Começa a empilhá-las em dois montes, levando cada moeda de um monte para o outro, lentamente, a custo, até o segundo monte ser muito maior do que o primeiro.*

*O Viajante põe-se de pé e olha em redor. À volta dele só resta o silêncio e os figurinos no estendal como se fossem partir.*

VIAJANTE

Dá deus pés a quem não tem sapatos  
Quem parte e reparte não chega a nenhuma parte  
Qual é coisa qual é ela, que quando parte se parte?  
*(escreve no quadro: o coração do homem)*

Qual é coisa qual é ela, que é tanto maior quanto mais longe estamos? *(escreve: as saudades de casa)*

O que será, o que será, de onde sempre saímos, e que trazemos sempre na ideia *(escreve: aldeia)*

Qual é coisa qual é ela, que se a tentamos agarrar ela nos foge da mão. Se tentamos fugir dela, levamo-la no coração? *(escreve: terra)*

Levo três coisas na mala, três coisas levo e diz lá que coisas essas serão. Uma levo comigo e não a quero levar, outra não a levo, embora nunca dela me possa separar, a terceira é aquela que me fará voltar. *(escreve: o medo, a família, as saudades)*

*Começam então a bater à porta, num batimento cadenciado e rítmico, como o repicar do sino e do relógio. O Viajante pega no farnel e prepara-se para sair. Começa a coreografia dos abraços, abraçando a família, a casa, o chão, os objectos, o ar e por fim a si próprio, antes de pegar numa fotografia sua, rasgá-la em dois, deixando uma metade no chão de casa e outra levando-a consigo, enquanto caminha com o seu sobretudo, os sapatos e a mala de cartão, dizendo «adeus» infinitamente. Vai dizendo adeus, e com esses adeus apaga as respostas que escreveu no quadro.*

VIAJANTE

Adeus!

Adeus!

Adeus!

Adeus casa! *(apaga as saudades)*

Adeus porta! *(idem)*

Adeus pai! *(apaga a família)*

Adeus mãe! *(idem)*

Adeus irmãos! *(idem)*

Adeus irmãs! *(idem)*

Adeus mulher! *(apaga o coração)*

Adeus filho! *(apaga o coração)*

Adeus filha! *(apaga o coração)*

Adeus vizinhos! *(apaga a aldeia)*

Adeus vacas! *(idem)*

Adeus porcos! *(idem)*

Adeus coelhos! *(idem)*

Adeus galinhas! *(idem)*

Adeus carvalhos! *(apaga a terra)*

Adeus castanheiros! *(idem)*

Adeus centeio! *(idem)*

Adeus cevada! *(idem)*

Adeus giestas! *(idem)*

Adeus granito! *(idem)*

Adeus terra! *(idem)*

Adeus chão! *(idem)*

*Parte atrás dos figurinos, rumo a Espanha.*

#### **Quadro 4 – A fronteira**

Vozes:

CRIANÇA – Conta como foi?

IDOSO – Foi escuro.

*Escuro. Ouvem-se ruídos da natureza. Nota-se movimento de corpo no meio do escuro. Um follow spot percorre o palco, como se procurasse alguma coisa. O spot detém-se momentaneamente sobre o Viajante. Este olha para cima, assustado. Começam a ouvir-se tiros. O Viajante corre de um lado para o outro. O Spot persegue-o, como se o quisesse alvejar.*

*A dada altura, o Viajante pega na mala como se fosse uma arma e se preparasse para disparar de volta. Ouve-se a voz de António de Oliveira Salazar:*

SALAZAR

«Se queres sair de Portugal Continental, vai para Portugal Ultramarino. Se queres conhecer novas terras, vai para África. Se queres construir, cultivar, vencer na vida, vai para África».

*Mas os tiros param e o Viajante apercebe-se do que agarra. Cai ao chão, esgotado, abraçado à sua mala, rodeado de sombras.*

*Recupera o fôlego e depois senta-se a esperar no escuro, atento e receoso daquilo que está à sua volta, e conta a história de duas crianças:*

*Cheiro: cheiro intenso de corpos suados e animais.*

VIAJANTE

Eram dois os meninos que queriam ir brincar para o seu sítio preferido, uma casa abandonada, cheia de lagartixas e aranhaços e sítios onde se podiam esconder e brincar aos navegadores, aos soldados, aos contrabandistas.



Mas um dia, quando saíram de casa depois do comer, e se dirigiram para esse sítio, para essa casa abandonada, não conseguiram abrir a porta. Tentaram, tentaram, gritaram: «¿Hay alguien? ¿Hay alguien?». Mas nem alguém, nem ninguém, nem nada lhes respondeu.

Enquanto a porta da casa continuava quieta e fechada, e a própria casa era muda e surda, eles pensaram que era a própria casa que não os queria mais, que se tinha cansado das suas brincadeiras e não gostava mais deles. Assim se foram os meninos, cansados e tristes, à procura de outra casa que os acolhesse melhor, e só quando já iam longe é que os homens portugueses que estavam escondidos na casa, no seu caminho para França, puderam respirar, falar, e deixar de travar a porta.

*Quando o Viajante acaba de contar esta história, chega o camião, cheio de porcos, e é no meio dos porcos que os homens se escondem, no meio do escuro e da imundície, colados uns aos outros dentro da camioneta que trepida e ronca.*

#### Quadro 5 – De caixão por lugar nenhum

VOZ INFANTIL: Conta como foi?

VOZ DE IDOSO: Foi duro.

*Num canto escuro:*

VIAJANTE

A tentar dormir, a tentar mexer-me, a tentar tirar pão da mala para comer, a tentar escapar ao cheiro e à escuridão e às marradas e dentadas dos porcos. Mas não consigo dormir, não consigo mexer-me, não consigo tirar o pão para comer, não consigo fugir dos porcos e dos homens.

*Começa a usar e a tirar a roupa do saco e a colocá-la no estendal.*

VIAJANTE

Este fugiu da tropa, porque prefere ir para um lugar desconhecido trabalhar, do que para outro lado desconhecido matar.

Outro homem trabalhou um ano para pagar a passagem.

Este tinha mulher doente, e filhos com fome.

Este trabalhava de sol a sol e não tinha nada de seu.

Este fugiu da polícia, pois lia coisas que não devia e dizia coisas que não se podiam ouvir.

Este homem foi preso quando tentava passar a fronteira. *(volta a meter no saco)*

Este homem foi apanhado porque não conseguiu calar a tosse.

Este homem foi enganado pelo passador e não volta mais.

Este homem não aguentou a fome e o frio. *(amarfanha a roupa e veste-a)*

Este homem tem saudades de casa.

Este vai ter com o irmão, que já está lá há muito tempo e lhe diz que é o paraíso.

Este nunca há-de chegar.

Este depressa há-de voltar.

Este vai querer sempre voltar.

Este vai querer esquecer...

Este vai ser esquecido...

*De súbito a camioneta pára. Surge uma luz ténue quando finalmente abrem a porta e todos se atropelam a tentar sair.*

#### Quadro 6 – A travessia

*De volta à natureza, o viajante prepara-se para caminhar através dos Pirenéus. Agasalha-se com o sobretudo e começa a caminhada, atrás dos fatos que sobem o estendal. Primeiro rapidamente, alegre por desentorpecer as pernas, depois mais devagar, quando sente cansaço, depois mais devagar, quando o terreno é mais íngreme e é preciso trepar. Depois com medo, cansaço e frio, quando começa a nevar e ele caminha entre abismos e desfiladeiros de montanha. Depois vem a sede, e ele lambe o gelo dos lábios e das faces, limpa o rosto e a pele com o lenço e torce-o para beber a água misturada com suor da sua pele. Os pés escorregam-lhe e ele não pode cair, a mala pesa-lhe como chumbo e ele não a pode largar, a pele gela-lhe e ele não tem com que se agasalhar, o corpo dói-lhe e ele não pode parar de caminhar. Continua sempre, sempre a caminhar. Por vezes de gatas. Cai uma vez, mas quando sente que ninguém pára para o ajudar, levanta-se e arrasta-se atrás dos outros. Agarra-se ao colarinho de um para não se perder, e outro agarra-se ao seu colarinho para ele próprio não se perder. E assim seguem, de mãos nos colarinhos, como se fossem prisioneiros uns dos outros. Só que quanto mais andam mais parece que não saem do sítio. Aos poucos é como se enlouquecessem e esquecessem de onde vinham e para onde iam. Caminham apenas, montanha acima, porque sabem que é a mesma coisa que caminhar pela montanha abaixo. Lá no alto, param e juntam-se para se aquecerem, mas não se aquecem pois estão todos igualmente frios, de narizes e orelhas*

*brancas e vermelhas. Têm fome e não têm que comer, pelo que só lhes resta chupar os dedos e pensar que são chouriços de sangue. Vêm ao longe um rebanho de ovelhas e correm para se abraçar a elas e obter o calor da sua lã. Mais quentes, começa então a descida, cada vez mais rápida, cada vez mais rápida, até que do outro lado só se vê um muro e para lá uma árvore de nozes, que é já a França. Correm para o muro, para as nozes e para a França, e ao saltarem o muro, ouve-se gritar «quietos», em francês, e são detidos pela polícia francesa. Uns fogem, o Viajante, sem forças, levanta os braços e esconde-se atrás da mala. O guarda francês pede-lhe os documentos.*

GUARDA  
Vos papiers!

*Mas o homem não entende. Revistam-lhe a mala, mas pouco mais encontram do que uma fotografia rasgada e roupa. Acabam por lhe entregar tudo e dizem-lhe:*

GUARDA  
Allez, maintenant. Il y a beaucoup de travail à faire. Nous avons besoin de tous ceux qui viennent. Et si Salazar veut aussi venir en France, nous avons aussi du travail pour lui.

*E o Viajante vê-se na estação de comboio, onde em alívio, graças a uma frase que tem escrita num papel, pede:*

VIAJANTE  
Um bilhete.  
Um bilhê.  
Para Paris Austerlitz. (Austerlitz)  
Só de ida.  
Ida só.  
Aller seul.  
Seulement aller.

*Depois entra no comboio, e pela primeira vez em muitos dias, deita-se para dormir.*

### Quadro 7 – Tornar-se francês

*Cheiro: a fumo, a carvão, a poluição.*

VOZ JOVEM: Conta como foi?  
VOZ DE IDOSO: Foi como havia de ser.

*O Viajante acorda já em Paris.*

– É isto a França?

*Não tem sapatos, que lhe foram ficando pelo caminho, e olha em volta deslumbrado. Tenta acender a candeia, mas não há candeia. Tenta lavar-se, mas não há bacia. Quer comer, mas não há comida. Vai então trabalhar.*

– Vive la France.

*Começa a trabalhar, na terra. Com o lenço molhado escava a terra. Na terra encontra o dinheiro. Conta-o. Depois corre e vai buscar os enlatados para comer. Vai andando e comendo até se perder no labirinto de Paris, andando e vendo e tocando tudo o que o rodeia, e dizendo os nomes em português e francês.*

VIAJANTE  
Rua.. rue. Avenida... Boulevard. Pão... pain. Água... eau. Criança... Enfant. Trriiimm... Sonnette.  
Vidrinhos pretos... Lunettes de soleil.

*Tira um caderninho e começa a anotar as palavras:*

VIAJANTE  
Travailler. Payement. Je suis portugais et je cherche du travail. Oú est Champigny?

*Eu vim de Portugal. Je suis venu du Portugal. Portugal fica do outro lado da Espanha, da noite e do vazio. Le Portugal est de l'autre côté de l'Espagne, du côté de la nuit e du vide. O sol nasce em França. Le soleil se lève en France. E em Portugal põe-se a lua. Et la lune se couche au Portugal.*

### Quadro 8 – Viver na lata enquanto se sonha com a pedra

VOZ JOVEM: Conta como foi?  
VOZ DE IDOSO: Foi um deslumbramento.

*Com tábuas, latas e pouco mais, o Viajante começa a montar uma casa para si, uma humilde caixa do correio para o abrigar da chuva, com uma cama onde dormir, um fio para estender a roupa, e uma caixa do correio no exterior para receber cartas de Portugal. Com papel e caneta, escreve uma carta à família:*

VIAJANTE (escreve e apaga e reescreve e apaga)  
Queridos pais, querida mulher, queridos filhos, querida terra,

Já cá estou, em África, não, no Brasil, não, na França... Estou num casebre, não, estou numa barraca, não... estou abrigado e com gente nossa. Vivo num telheiro, não... num colchão, não... Estou à espera para viver numa casa muito bonita, com muito espaço e um quintal muito bonito, cheio de laranjas e castanheiros. Trabalho todas as horas, não... trabalho sem parar, não... trabalho a escavar a terra, não... trabalho a abrir estradas, não... trabalho a erguer casas, não... trabalho... de sol a sol, como estamos habituados. O dinheiro é bom, sabe bem e é um gosto agarrá-lo e ouvi-lo. Mando-vo-lo nesta carta, para que o possam sentir e cheirar e depois o possam usar para comprar comida, roupa, sapatos, um telhado novo para a casa, uma casa nova para o telhado, uma chaminé nova para o telhado, um lume novo para a chaminé, madeiros novos para o lume, cadernos para as crianças escreverem junto do lume, um caldeiro para aquecer no lume, água e legumes para aquecer a sopa no caldeiro que está ao lume. Dizei aos vizinhos que o ti João também chegou, tal como o ti Casimiro, o ti Manuel, o ti Raúl e a mulher e filha do ti Inácio. Os ti Germano e ti Alberto... Os ti Germano e ti Alberto... não sei por onde estarão.

Um abraço deste que tanto vos quer. Muitas saudades e a promessa de que para o ano volto.

...para o ano volto.

...para o ano volto.

...para o ano volto.

...para o ano volto.

...para o ano volto.

...para o ano volto.

...para o ano estarão aqui comigo.

*Depois, levanta-se, envia as cartas pelo fio da roupa, vê-se que do outro lado da carta estão metades de fotografias que voltam para Portugal.*

*Calça sacos de plástico e vai até ao correio para deixar a sua carta, fecha-se dentro do correio. A carta desliza, pendurada no estendal.*

### Quadro 9 – O regresso sem regresso

VOZ JOVEM: Conta como foi?

VOZ DE IDOSO: Já não me lembro.

*O Jovem Viajante surge do outro lado e pega na carta. Abre-a e começa a ler a história, em quadras populares, que mesclam o português e o francês, da história do emigrante.*

JOVEM VIAJANTE

Vim-me embora da Beira  
E fui arriscar a sorte  
De noite passei a fronteira  
Mesmo sem ter passaporte

Num camião para França  
Enfrentando caminhos feros  
Não levava nada na pança  
Só o medo dos carabineros

O passador disse assim:  
Além são os Pirinéus  
Não vos perdeis de mim  
Olhai o chão e não os céus

Foi tal o frio que tive  
Que fiquei a tiritar  
Mas depois daquele declive  
A França foi onde fui parar

Fui no comboio sempre a dormir  
Até chegar à gare de Austerlitz  
E nessa noite ainda acabei por ir  
Dormir às barracas de Saint-Denis

Aquilo era só água e lama  
A gente ficava doente num ai  
Mas eu levantei-me da cama  
E arranjei logo travail

Quando fiquei de congé  
Fui enfim até à poste  
Depois de ir ao marché  
Pois queria escrever à hoste

E agora terminou enfim a minha voyage  
Mas às vezes ainda recordo o meu ninho  
Que deixei sem ter passaporte ou péage  
E penso nos sapatos que ficaram pelo caminho

E de vez em quando perguntam:  
Donde és tu, estrangeiro?  
E eu respondo que sou dali  
Dali do monte e do vale  
Do frio e do calor  
Do carvalho e da giesta  
Do curral e do chão  
Do granito e do vento  
Sou dali  
Dali que fica ali, sempre ali,  
E onde nunca se pode chegar.  
E de vez em quando pergunto-me:  
Donde és tu, estrangeiro?  
E eu respondo que sou dali

Dali do monte e do vale  
Do frio e do calor  
Do carvalho e da giesta  
Do curral e do chão  
Do granito e do vento  
Sou dali  
Dali que fica ali, sempre ali,  
E onde nunca se pode chegar.

*O Jovem Viajante fecha a carta, pega num casaco desportivo, numas sapatilhas e numa mochila, onde guarda o farnel do anterior Viajante e o telemóvel, e prepara-se para partir. Fica escuro. Ouve-se a voz do Secretário da Juventude, Alexandre Mestre:*

SECRETÁRIO

Se estamos no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras.

*O Viajante está a preparar-se para regressar a Portugal. Numa caixa de cartão, guarda o bilhete do comboio, os sapatos gastos, e a fotografia rasgada, mas, por mais que tente, não consegue voltar a colar as duas metades. Depois, veste o seu melhor fato, calça os seus melhores sapatos, pega na sua mala mais moderna, entra no seu carro moderno e parte para Portugal.*

*Nota: colar duas metades diferentes que não correspondem.*

*O velho Viajante viaja, viaja, viaja, até ficar confuso. Olha em volta, sem saber onde está. Parece-lhe que talvez não tenha saído do sítio. Volta a arrancar com o carro, mas de novo pára, sem ter bem a certeza. Pára. Sai do carro e olha a terra. Cheira-a, prova-a e depois começa a deixá-la correr entre as mãos sobre o próprio corpo:*

VIAJANTE

Où est mon Portugal?  
Où est mon Portugal?  
Où est mon Portugal?  
Où est passé mon Portugal?

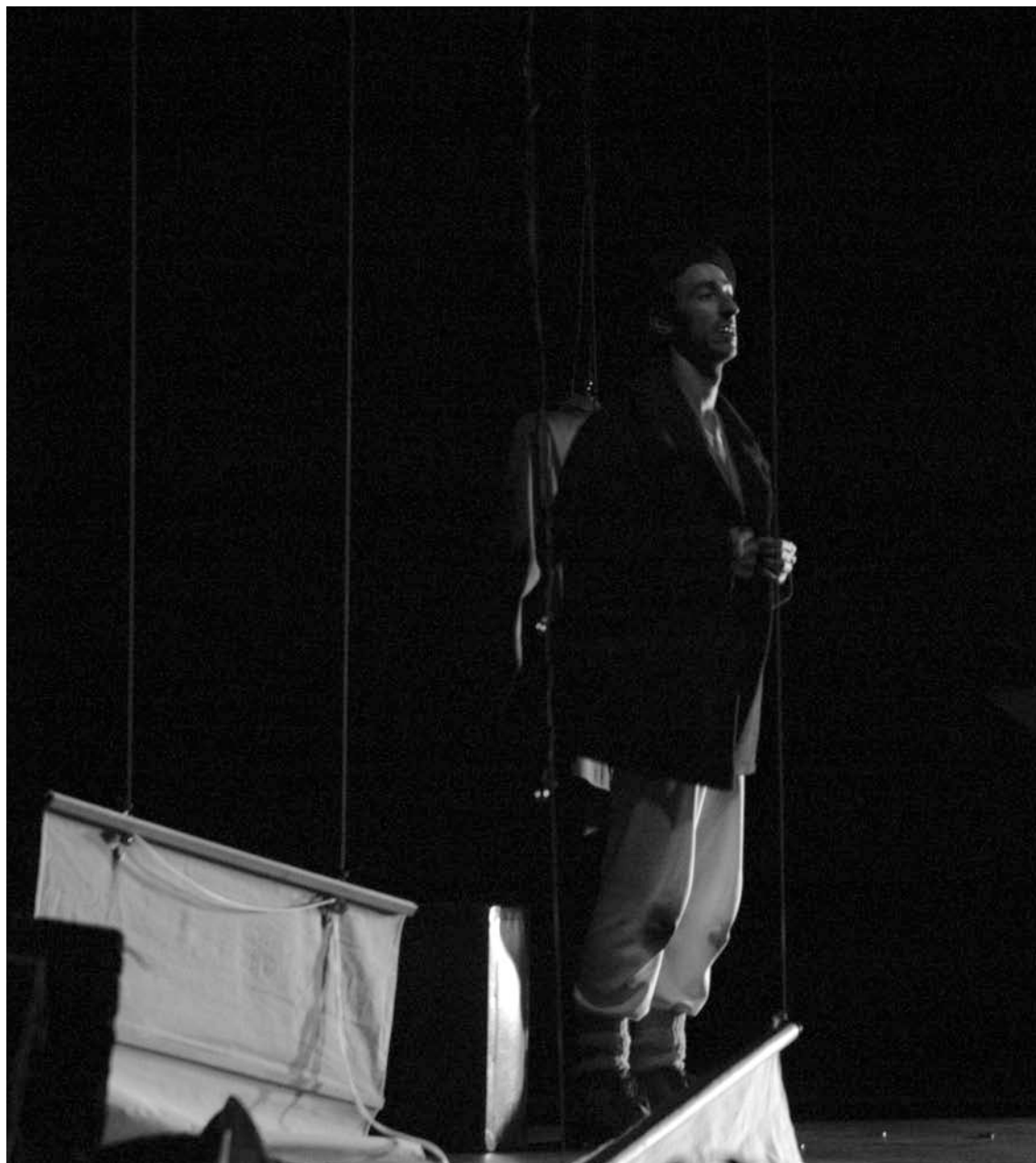
*(Escuro)*

*Vozes Off:*

VOZ JOVEM: Pode contar como foi...

VOZ DE IDOSO: Foi assim...

FIM



---

**ÚLTIMOS TEXTOS PUBLICADOS:**

- O ogrocho*** de Suzanne Lebeau [RGT nº 61]  
***Colgados*** de Gustavo Pernas Cora [RGT nº 62]  
***A muller que perdía todos os avións*** de Josep María Miró [RGT nº 63]  
***Por que as acacias non han dar xarope?*** De Luís Araujo [RGT nº 64]  
***Nunca estive en Bagdad*** de Abel Neves [RGT nº 65]  
***Expostas*** de Teté García, Marta Pérez, Rosa Puga e Vanesa Sotelo [RGT nº 66]  
***O tempo*** de Lluïsa Cunillé [RGT nº 67]  
***Piratas*** de Eduardo Alonso [RGT nº 68]  
***Padam Padam*** de Jose Maria Vieira Mendes [RGT nº 69]  
***Fóra Feira*** de Joan Giralt [RGT nº 70]  
***O principio de Arquímedes*** de Josep Maria Miró i Coromina [RGT nº 71]  
***Ritos de sangue*** de María Xosé Queizán, [RGT nº 72]  
***Imundação*** de Marta Freitas [RGT nº 73]  
***Caixa Negra*** de Fernando Epelde [RGT nº 74]  
***Unha corrente salvaxe*** de Raúl Dans [RGT nº 75]  
***Micropezas*** de Marcos Abalde, María Armesto, Afonso Becerra de Becerreá, Ana Carreira, Santiago Cortegoso, Antón Coucheiro, Daniel Currás, Fernando Epelde, Eva F. Ferreira, Clara Gayo, Joan Giralt, Fran Godón, Manuel Lourenzo, Carlos Méndes, Jacobo Paz, Olivia Pena, Xosé Manuel Pazos Varela, Xavier Picallo, Xesús Pisón, Pedro P. Riobó, Vanesa Sotelo [RGT nº 76]  
***Bagos de uva no padal*** de Susana Hornos e Zaida Rico [RGT nº 77]  
***Morte Súbita*** de Ricardo Cabaça [RGT nº 78]  
***Mata o teu alumno*** de Carles Mallol [RGT nº 79]  
***Arelantes*** de Wajdi Mouawad [RGT nº 80]  
***Prohibido sufrir*** de Clara Gayo [RGT nº 81]  
***Albertine, o continente celeste*** de Gonçalo Waddington [RGT nº 82]  
***Un pé xigante esmágaos a todos*** de Xavi Morató [RGT nº 83]  
***A morte é breve*** de Julio Fernández [RGT nº 84]  
**Premios «A Pipa» de Dramaturxia Breve 2013-2014:** ***Emoticonas***, de Rubén Pérez Pombo; ***Silencio***, de AveLina Pérez; ***A buxaina***, de Santiago Cortegoso; ***O ceo baixo Berlín*** de Ernesto Is e ***Ofelia***, de Julio Fernández Peláez [RGT nº 85]  
***Baile de sombras*** de Fran Godón [RGT nº 86]  
***A obediencia da muller do pastor*** de Sergio Marínez Vila [RGT nº 87]  
***As cancións que lles cantaban aos cativos*** de Raúl Dans [RGT nº 88]  
***Winnie son eu*** de María Armesto [RGT nº 89]